



COMISSÃO DAS LÁGRIMAS, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Ismahêlson Luiz Andrade* (UNL)

Comissão das lágrimas é o vigésimo terceiro romance de António Lobo Antunes, lançado em 2011, numa edição Dom Quixote. Imagens da África permanecem como lugar decisivo na obra do autor, nomeadamente Angola na década de 70 e as dissidências internas do MPLA – Movimento Popular para a Libertação de Angola –, o que resultou na formação de um inquérito para identificar os seus opositores e desertores, sendo denominado de “Comissão das lágrimas”. Paralela a essas imagens, revelam-se, determinante ao romance, as imagens de conflitos interiores de quem ali não apenas esteve, mas experienciou os seus efeitos interna ou externamente, ou das duas maneiras. São, portanto, duas guerras: a luta interna pelo poder, as suas causas e consequências, e a guerra interna da personagem que dá voz de partida à narrativa, vozes que se multiplicam, e que em seu angustiante mergulho na realidade pontiaguda dessa guerra interior pode nos levar a um mergulho em nós mesmos.

Paradoxal ao ponto de vista do escritor português, de que o menos importante num romance é a história – “eu não conto histórias¹” –, e que esta não é nada mais que um veículo do qual se serve para concretizar aquilo que pretende com a escrita, que é transformar uma arte, a do romance, a sua mais nova criação parece exigir do leitor um conhecimento da história política de Angola pós-independência, um conhecimento ainda que parcial, mas que por certo contribuiria para um mergulho mais intenso numa narrativa que une, entre outras forças, as de densidade e sensibilidade. Entretanto, embora o romance tenha como base fatos históricos, não é a história de guerra, ou um documentário, ou mesmo um depoimento a respeito da guerra o que propõe Lobo Antunes. Ele afirma, a respeito desse seu mais novo livro, e do período que antecede o início dessa sua escrita, que havia duas coisas presentes nele: a culpa e o perdão, e como abordar tais situações, e por meio de quem. Numa relação contínua com a sua escrita, Angola se faz, então, amplamente presente, e é a partir dela que tais temas são abordados, privilegiando, mais uma vez, aquilo que podemos afirmar ser um discurso que vem da alma.

A personagem primeira surge numa voz feminina de uma mulher que partiu da África aos cinco anos de idade, e que, no



tempo da narrativa, está com quarenta e poucos anos de idade e interna num hospital psiquiátrico. Ela povoada por vozes, num estado esquizofrênico, onde os objetos ganham vida e com eles ela cria diálogos, considerada “uma maluca que fala sozinha” (p. 10). Filha de mãe branca e portuguesa, corista e bailarina decadente, ou frustrada, explorada sexualmente pelos brancos de poder aquisitivo em Luanda, e de pai negro, e ex-padre, e que na juventude abandonou o celibato para se ocupar com interrogatórios e torturas dos opositores e desertores do regime vigente, ele também, posteriormente perseguido, foge com a mulher e a filha para Lisboa. A respeito de ambos, ficam espaços de dúvidas sobre suas identidades ou acontecimentos, marcas de um delírio que se posiciona na narrativa, constituindo assim um enigma. Assim, como se chamava a mãe? Alice ou Simone? Em que trabalhava? E a respeito da violência referida ao pai? Ele foi violentado ou violentou quando no Seminário? No romance, ouve-se a voz do pai, a voz da mãe, duas vozes que se destacam, e vozes outras familiares, formando assim uma inquietante complexidade num discurso em fluxo de consciência sem lugar para alguma linearidade, que nunca foi lugar comum nos romances de Lobo Antunes. São, na verdade, dessas outras vozes, e de outras desconhecidas, as quais vivenciaram, de fato, aquele passado, que saem os relatos dos acontecimentos ocorridos, numa verdadeira construção de uma memória coletiva.

Comissão das lágrimas não é diferente dos demais romances de Lobo Antunes, carregados de vozes, fluxos de vozes que se atropelam, tantas vezes causando uma sensação de que o tempo é breve para a imensidão do que ainda se tem para ser dito. Discursos que devoram discursos, lacunas que parecem se abrir, algo por acontecer, incompleto, entretanto, até o final do romance é possível perceber que uma unidade é formada, e o não dito cabe ao imaginário, não aleatoriamente, mas a partir de pistas que parecem, propositalmente, ficar pelo caminho. Nada é ao acaso, nem mesmo o sentimento de lugar vazio que alguma leitura possa ter como resultado. Pode haver ali uma voz silenciada, emudecida, enquanto os pensamentos gritam.

Cristina, como se chama essa personagem, também narradora, tomada pelas suas recordações percorre um universo passado não apenas de horror de guerra, mas, também e principalmente, de dor, tristezas, decepções, desejos e sonhos interrompidos, e que se colocam ao lado de algumas possíveis alegrias que se perdem e são nada diante do vazio, do caos, imagens



dilacerantes e acinzentadas: “cada vez menos pés, menos braços, menos carne, tijolos em que lábios, tornados paredes, respiravam ainda seguindo-o com olhos de caliça que apesar de cegos o viam”. Não há, assim, lugar para a alegria, que seria completamente desarmônica com a dureza que predomina nos discursos, nas vozes, nos ecos de um passado seco, sério, duro. Num uso refinado da linguagem, Lobo Antunes coloca bem próximo dos olhos e dos ouvidos do leitor vozes que gritam exteriorizando um passado que parece preso na memória, oscilando entre a loucura e alguma lucidez fragmentada. São recordações que percorrem o que pode ser chamado de real, entretanto, também, e talvez muito mais, o que pode ser chamado de imaginário. Como salienta o próprio autor, as suas recordações são compostas daquilo que se passou em África, ou não, uma vez que tudo se passa na cabeça dessa heroína: “as coisas passam-se dentro de mim, não fora”. Realidade e imaginário de entrelaçam e se confundem, assim como o tempo, os espaços, os lugares reais ou apenas criação de uma mente tornada caótica.

O jogo de conflitos e o caos, vivenciados pela narradora, parece levá-la a criar um mundo seu, íntimo, um lugar onde pode dar vida ao que nem é, ou que, talvez, nunca foi, de fato. Ou ainda, como parece ser para Lobo Antunes, o que essa heroína tenta fazer é um ajuste de contas com ela mesma, com o seu passado, com o seu presente, e com o seu futuro marcado por perspectivas frágeis. Trata-se de uma narrativa simbólica, de um tempo em que talvez as palavras sejam insuficientes para expressar uma dor, se é que a falta de palavras pode se curvar à intensa sensibilidade dessa narrativa, onde as metáforas são, mais uma vez, construídas de maneira a aperfeiçoar ainda mais a profundidade das explicações comparativas antunianas.

Comissão das lágrimas acontece entre avanços e recuos, elementos como medo, saudade e vergonha, numa técnica cuidadosa com uma sintaxe que aparece mais livre, enquanto a omissão de verbos ganha espaço, e diversas interrupções são sobrepostas. Tudo envolto num universo caótico e sem se distanciar do tom poético da obra de Lobo Antunes. Trata-se de uma narrativa que mistura o consciente e o inconsciente, este lugar da profundidade da alma, lugar do desconhecido, do inexplicável. É assim que o romance percorre o seu início, o seu meio e o seu fim. Nem tudo é explicado. É a voz delirante que agora percorre um hospital psiquiátrico, é a voz que também se faz muda, silen-



ciosa, fragmentada, dividida em outras vozes, criando assim uma teia complexa não apenas na narrativa, mas no interior, onde o que permanece são vultos ora reais, ora imaginários, submersos dos ecos da memória e a sua relação com o presente: “a vida, por mais que os meses mudem, não passa de um hoje sem fim” (CL, p. 163).

Notas

^{*} Doutor em Estudos Portugueses, com Especialidade em Estudos Comparatistas pela Universidade Nova de Lisboa (UNL, 2013) e Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1999). Atualmente se dedica ao estudo da obra de António Lobo Antunes, objeto de sua tese de doutoramento.

¹ Embora Lobo Antunes tenha falado a esse respeito em diversas entrevistas, essa e demais referências à *Comissão das lágrimas* têm como base a entrevista concedida ao jornalista Mário Crespo, no Jornal das 9, SIC Notícias, em 19/10/2011. Disponível em: <<http://sicnoticias.sapo.pt/930071>>.







UEA
Edições

Editado pela Editora da Universidade do Estado do Amazonas. Tamanho 14x21 cm, miolo em Pólen Soft 80 gramas, capa em papel triplex 250 g/m, laminação fosca e aplicação de verniz local. Composta em Segoe UI, 10p. Foi impressa na Gráfica Ziló, para a UEA Edições em julho de 2013.

Tiragem 500 exemplares.

